

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE

Jornal da

SPPA

ANO 18 • AGOSTO 2019 • Nº 34

PORTO ALEGRE • RS • BRASIL

SOCIEDADE
PSICANALÍTICA
DE PORTO ALEGRE



FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association



Trauma e Resiliência



Zelig Libermann
Presidente da SPPA

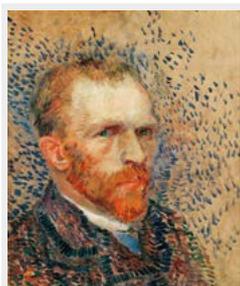
Como parte do conjunto de ações da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA) para a difusão da psicanálise no âmbito da comunidade, nosso jornal tem se constituído em espaço privilegiado de diálogo com diversas áreas do conhecimento sobre principalmente questões prementes da contemporaneidade.

Essa escolha está em sintonia com o entendimento da teoria psicanalítica a respeito do papel que a realidade ocupa tanto na estruturação da mente humana quanto no encontro do psiquismo com os estímulos de toda ordem que recebemos no convívio com o mundo que nos cerca.

E a realidade hoje significa, mais do que nunca, algo além do ambiente imediatamente ao nosso redor. Com o advento da evolução tecnológica e da globalização dela decorrente, estamos em contato permanente, em tempo real, com fatos de todas as latitudes. Esse fenômeno, se por um lado pode contribuir para a ampliação de nosso conhecimento, por outro demanda um esforço intenso para compreendermos o mundo e para estarmos em condições de lidar com essa realidade ampliada, e de alguma forma atuar sobre ela. Tarefa nada fácil em um tempo em que as mudanças se processam em alta velocidade, intensificando o conflito entre as funções características do aparelho psíquico: receber

estímulos da realidade e, ao mesmo tempo, limitar a intensidade desses mesmos estímulos. É nesse contexto que esta edição do Jornal da SPPA se dedica ao "Trauma", trazendo para nossos leitores textos que abordam a perplexidade do sujeito frente a eventos de grande intensidade (como as guerras, por exemplo) e à realidade que se modifica com uma rapidez vertiginosa; ao mesmo tempo, destaca a resiliência, isto é, a capacidade do indivíduo para sobreviver aos traumas.

Para finalizar, cabe salientar que, embora a conexão com o mundo que nos cerca seja parte importante do desenvolvimento do ser humano, precisamos estar atentos para que a realidade não nos inunde a ponto de ocupar o espaço da fantasia. Como afirma o psicanalista argentino Norberto Marucco, "o tesouro mais valioso e menos tangível que um ser humano pode possuir é o prazer de suas fantasias transformado no horizonte de sua criatividade, ou seja, o mais autêntico passaporte para sair da condição esmagadora da realidade".



Self-Portrait
Vincent van Gogh
(1853 - 1890), Paris,
Março-Junho 1887

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
FUNDADA EM 1963

Filiada à International Psychoanalytical Association

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE (SPPA)
Rua Gen. Andrade Neves, 14/802
Porto Alegre/RS 90010-210
(51) 3224-3340
www.sppa.org.br
comunicacao@sppa.org.br

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Instituto de Psicanálise

CENTRO DE ATENDIMENTO PSICANALÍTICO
CAP

Atendimento a adultos,
crianças e adolescentes

Informações: (51) 3224 3340 com Margareth Dallagnol

www.sppa.org.br • sppa@sppa.org.br

SOCIEDADE PSICANALÍTICA DE PORTO ALEGRE
Filiada à International Psychoanalytical Association

SUMÁRIO

Palavra do Presidente 02

Editorial..... 03

SMED e PESCAR 03

Psicanálise e História 04

Considerações Psicanalíticas 06 e 07

Entrevista com Luis Martín Cabré..... 08 a 09

Psicanálise e Cultura 10

Diretoria Científica..... 11

Revista de Psicanálise..... 11

Associação de Candidatos..... 11

Infância e Adolescência..... 12

Relações com a Comunidade 12

Expediente

PRESIDENTE

Zelig Libermann

DIRETORA ADMINISTRATIVA

Catia Olivier Mello

DIRETOR FINANCEIRO

Carlos Augusto Ferrari Filho

DIRETORA CIENTÍFICA

Maria Cristina Vasconcellos

DIRETORA DE PUBLICAÇÕES

Tula Bisol Brum

DIRETORA DE DIVULGAÇÃO

Kátia Wagner Radke

DIRETOR DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Rui de Mesquita Annes

DIRETORA DO INSTITUTO

Maria Lucrécia Scherer Zavaschi

COMISSÃO EDITORIAL

Idete Zimmerman Bizzi (coordenadora)
Cátia Deon Dall'Agno, Fabio Brodacz, Laura Meyer da Silva
Marcelo Vaz, Nyvia Sousa, Regina Orgler Sordi

JORNAL DA SPPA

Tiragem: 2.000 exemplares
Fotos utilizadas: Arquivo/SPPA

EDIÇÃO E REDAÇÃO

Ana Klein (DRT/RS 8741)
Vera Nunes (DRT/RS 6198)

REVISÃO

Ellen Garber

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Clemente Design

Traumas: a vida em foco

Londres, 1873. Quem visse o rapaz bizarro, de olhar intenso e perdido, à beira do Tâmesa, não diria que se tornaria um artista sublime. Aos 20 anos, com um histórico de rupturas familiares, decepções românticas e retumbantes fracassos profissionais, Vincent van Gogh decide ser pintor. A partir desse momento, sua trajetória, longe de ser fácil, foi uma sucessão de batalhas. O jovem descobre, para seu espanto e decepção, que não sabe desenhar em perspectiva, e é desse sofrimento que submerge a firme determinação de aprender: pintar foi uma árdua conquista. Onde muitos talvez encontrassem o vazio e incapacidade para viver, Vincent encontra forças de transformação. De seu irmão, Theo, recebe suporte fundamental, e é a ele, em missiva, que expressa, com palavras, a sua busca genuína por vir a ser, no que bem poderia descrever a essência do encontro analítico: *A natureza começa sempre resistindo ao desenhista, mas quem leva sua tarefa realmente a sério não se deixa confundir, pois essa*

resistência, ao contrário, é um excitante para obter melhores resultados, e no fundo a natureza e um desenhista sincero estão de acordo.

Quando a experiência adversa excede a capacidade de assimilação mental de um indivíduo, entramos na zona do trauma, que, como um corpo estranho, infiltra-se na *psiqué*, causando danos por vezes silentes, mas sempre devastadores. O ser humano enfrenta desafios desde o início de sua existência, e deverá percorrer, incontáveis vezes, o fino traçado que separa o pensável, contido no mental, e o abismo do impensável, que tende à loucura ou ao vazio.

Nesse percurso, o compromisso da psicanálise transcende a atenção terapêutica individualizada e inclui o convite à reflexão: o conhecimento sobre o trauma, compartilhado de forma séria e reflexiva, engendra um potencial multiplicador de saúde mental de largo e longo alcance.

Retomando van Gogh: poderia sua trajetória ter sido menos sofrida, com um desfecho menos violento, fosse o rapaz mais compreendido e tolerado em suas idiosincrasias, por si e pelos demais? Ao argumento comum de que



Idete Zimmerman Bizzi
Editora do Jornal

a ausência de sofrimento tolheria sua genialidade, contrapõe-se a hipótese de que ele poderia ser ainda mais livre para criar e viver.

Nessa edição, o Jornal coloca a vida em foco: de traumas cotidianos a grandes tragédias. Traz depoimentos de sobreviventes de Auschwitz e do incêndio da boate Kiss, os quais colocam em evidência a face mais cruel da humanidade; propõe reflexões psicanalíticas acerca de sofrimentos inescapáveis, com artigos dos colegas Ruggero Levy e Sidnei Schestatsky; retoma a importância terapêutica do *sentir com* o paciente para a elaboração do trauma, em entrevista com o psicanalista Martin Cabré; e, convida o leitor a questionar os possíveis efeitos traumatogênicos do mundo virtual, em texto instigante de Fabiana Ritter.

Boa leitura.

SMED e PESCAR

Um outro olhar sobre o trauma: a invisibilidade

Este escrito faz parte de uma reflexão do grupo de psicanalistas das parcerias SPPA/SMED e PESCAR a propósito dos trabalhos que apresentamos no XXVII Congresso da Febrapsi. Pensar práticas psicanalíticas "a céu aberto", não limitando o trabalho no consultório mas estendendo seu campo de ação é legitimar a psicanálise em seu método e prática de escuta ao outro.

A alteridade em sua aceitação exige trabalho psíquico intenso e constante daquele que se dispõe a trabalhar como psicanalista. Quando saímos de casa, somos convocados a adentrar territórios desconhecidos, assustadores, diferentes e que vão além dos domínios de nossas experiências em sala de atendimento.

Mas, quando a dose necessária de tolerância, empatia e de alteridade se faz fraca, quase nula? Quando transformamos "o diferente" em invisível, quase na não aceitação de "sua existência"? Butler propõe o conceito de vidas precárias, vidas que não merecem nosso enlutamento.

Nesta reflexão, trazemos o viés da abjeção acerca da exclusão, da vulnerabilidade, ou seja, do obstáculo à transformação psíquica e social.

O abjeto é o que não goza do status de sujeito. Limites e regras não são respeitados pelo abjeto; portanto, ocupa os espaços que são ilegítimos, inabitáveis ou sem importância.

A intolerância, a hostilidade, que certas pessoas ou situações humanas podem provocar, têm na origem e constituição sua transformação em seres abjetos. Pessoas e grupos podem ser afetados na formação de suas identidades através do fenômeno da abjeção, que para

além do indivíduo tem uma dimensão tanto social como política. Assim, pensamos na organização da seguinte lógica: para que se consolide a exclusão, é necessária a transformação do sujeito em ser abjeto e, portanto, passível de se tornar invisível.

A profunda desigualdade da sociedade brasileira tem sido mantida, desmentida em função de mecanismos como os descritos, que exigem grande trabalho psíquico dos que excluem e têm sido fonte de uma dor sem fim para aqueles que não têm nem o direito de sofrer porque simplesmente não existem.

Trauma e resiliência em diálogo com a comunidade

A resiliência, noção cara à psicanálise, foi abordada de forma ímpar em uma mesa redonda na última edição do *Além do Currículo*, evento organizado pelos médicos Leandro Zimerman, Luis Eduardo Rohde, André Zimerman e Tiago Zimerman, no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, aberto à comunidade.

A atividade contou com a presença de pessoas que passaram por vivências extremas e que se dispuseram a conversar sobre as mesmas, incluindo um sobrevivente de Auschwitz, um sobrevivente da boate Kiss, um jovem médico que recebeu o diagnóstico de câncer e uma voluntária da ONG *Doutorzinhos*.

Resilir, do latim, significa *voltar ao termo de partida* e alude à capacidade humana de resistir (re existir) frente a grandes traumas, conservando e reconquistando atributos originais de saúde mental. Em conversa franca e desafiadora, os participantes inspiraram a plateia e ventilaram questões propostas pelo mediador: *Por que algumas pessoas passam por tragédias na vida e se refazem, enquanto outras não conseguem seguir adiante?* Pela relevância dos assuntos debatidos, o *Jornal da SPPA* traz um excerto dos diálogos, seguido de enriquecedores comentários dos psicanalistas Ruggero Levy e Sidnei Schestatsky.

COMPOSIÇÃO DA MESA

Mediador: Leandro Zimerman
Médico cardiologista

A: Sobrevivente do Holocausto

B: Sobrevivente do incêndio da boate Kiss

C: Jovem médico com diagnóstico de câncer

D: Voluntária do grupo *Doutorzinhos*

Os convidados autorizaram a publicação anônima dos depoimentos. Por tratar-se de um colóquio, a edição tentou preservar o estilo de fala original dos participantes.

Mediador: A., essa grande tragédia que vivenciaste, o Holocausto, de alguma forma direcionou tua vida?

A: É um pouco difícil. Não sei bem por onde começar. Há alguns anos, fui procurado por um pessoal da Spielberg Foundation. Eles me pediram que falasse sobre o que passei durante a II Guerra Mundial. Eu falei, mas tive enorme dificuldade de

me expressar. Me recusei, por muitos anos, a tocar no assunto; guardei isso num baú bem fechado. Há cinco anos, fui procurado por uma ONG israelita, que me perguntou se eu me juntaria a um pequeno grupo para falar sobre isso. A minha primeira reação foi totalmente contrária, "eu não quero"! Mas eles insistiram, e achei que tinha um dever de contar minha história, especialmente para os jovens, para tentar esclarecer que somos basicamente todos iguais, e que não se deve repetir o que aconteceu no regime alemão entre 1933 e 1945. Durante a Guerra, eu perdi meu pai, minha mãe, e passei por diversos campos de concentração; mas, depois, quando terminou a Guerra, fui viver um ano na França, onde o pessoal tentou civilizar jovens que passaram em campos de concentração. Fora as experiências de falta de comida e tudo isso, você se torna uma pessoa totalmente autocentrada, você não tem amigos, você não tem companheiros, você vive por si mesmo e se torna uma pessoa extremamente difícil de se relacionar com outros. Depois de um ano na França, fui me juntar com um irmão e minha irmã na Inglaterra. Lá eu senti que eu comecei a viver. Mesmo sendo prisioneiro em campos de concentração, eu sempre tinha na cabeça que, de alguma forma, tinha que sair disso para sobreviver. De onde vem essa força eu não sei. É algo dentro de mim e, com isso, eu consegui, especialmente na Inglaterra, me relacionar mais com gente e começar a gostar da vida. Depois de alguns anos, eu saí da Inglaterra e vim trabalhar e morar em Porto Alegre. Criei família, filhos, netos e tive uma vida muito boa, muito satisfatória, e isto realmente é o que eu queria dizer. Muito obrigado.

Mediador: Sem palavras...

*D: Eu me sinto extremamente honrada de estar aqui. Comecei como voluntária também por um problema pessoal que estava me tirando a alegria de viver, e eu achava que mais nada tinha sentido, quando surgiu na minha vida a oportunidade de entrar para a ONG *Doutorzinhos*. Eu consegui repaginar minha história. A gente, todos os dias, tem um obstáculo para transpor. E, para mim, foi fundamental poder fazer um pouquinho.*

Sempre digo que nunca se sabe o tamanho do muro que a pessoa que está na nossa frente é capaz de transpor. E aí vem a pergunta: por que superar? Talvez nessa pergunta esteja a resposta: o porquê é a família, são os amigos, é o motivo de que a pessoa precisa. Eu posso não saber o tamanho do muro do companheiro ao meu lado, mas eu sei que o apoio e a boa vontade das pessoas que gostam dele podem ser só o pulinho que falta para ele transpassar esse muro, e isso pode vir da gente, da maneira da gente se chegar.

Mediador: C., o que tem te ajudado a seguir adiante e ser admirado pelos amigos, colegas por lidar de uma forma tão positiva com um diagnóstico tão difícil?

C: Eu me senti muito honrado com o convite para participar da mesa redonda, mas uma coisa que talvez surpreenda é que eu não entendi o motivo do convite. Não entendi o que eu posso trazer para uma mesa de resiliência, e talvez isso faça parte da resposta, mesmo. Eu, quando recebi o diagnóstico, decidi ter uma perspectiva de que isso é um obstáculo a ser superado. Eu até esqueço, de vez em quando, que eu tive esse diagnóstico. Foi como escolhi lidar com isso: um obstáculo a ser vencido. Já venci vários e, se aparecerem outros, eu os vencerei também. Até acho que procuro não pensar muito a respeito. Obviamente, uma rede de suporte é funda-

**Me recusei,
por muitos
anos, a tocar
no assunto;
guardei isso
num baú bem
fechado.**



Pessoas que passaram por experiências extremas debateram a capacidade de resistir a grandes traumas

mental, família, amigos, mas acho que tem muito de perspectiva também. O que me aconteceu não me define. É como escolho me portar frente a isso que importa. Eu não tive nenhuma responsabilidade sobre o meu diagnóstico, mas tenho responsabilidade sobre como eu vou lidar com isso, e a maneira que eu escolhi é não dar muita bola. Obviamente, não de uma maneira irresponsável; fazendo os tratamentos corretamente. Mas sabendo: isso é algo a ser superado. Eu sei, se eu vou fazer um tratamento com maiores desconfortos, que aquele é um desconforto com uma data de validade: sei que dia tal vou sair do pós-operatório, eu sei que dia tal eu vou sair da radioterapia. E aí a vida vai continuar.

Mediador: B, eu queria que tu nos contasses um pouco como tu lidas com o que ocorreu na Kiss.

B: Obrigado pelo convite. É difícil estar aqui, falando sobre a Kiss. Estou sendo resiliente no momento. É mais um obstáculo vencido, mais uma superação estar falando. Eu estava lá na Kiss, perdi amigos, 15 amigos, entrei lá para o aniversário de uma amiga; enfim, ela faleceu, eu fui para o hospital, fiquei um mês internado, uma semana em coma, tive queimaduras internas e externas, passei por toda aquela situação difícil naquele intervalo de tempo. Mas no hospital eu sempre pensava de forma realista e positiva, um passo por vez, um obstáculo vencido por vez. Os detalhes me levantavam um pouco, porque saber que outras pessoas estavam preocupadas comigo me tornava mais forte e me ajudava a acreditar que eu sairia daquela situação. E assim foi depois, fora do hospital, pós-Kiss. Conheci outros voluntários, porque uma palavra base para mim é a união que houve em torno da tragédia, de inúmeras pessoas virem lá ajudar, trazer um copinho de água, ou as pessoas da área da saúde, os taxistas, todos foram solidários quando se precisou de ajuda, e eu acho que isso faz parte da resiliência de cada um. Ver que as pessoas queriam ajudar e ajudavam me dava força, um alicerce, amparo para eu ficar bem. E, como cidadão e sobrevivente, sinto uma responsabilidade de tentar fazer diferente, para que outras tragédias não ocorram. Uma forma que eu encontrei de contribuir, pensando nos

dos meus amigos antigos e novos, da própria profissão, da universidade. Fazer o TCC foi uma forma de superar...foi não, ainda está sendo, porque é algo gradativo, por uma causa maior. Entrar em espaços confinados ainda é difícil para mim, são passos pequenos, um de cada vez. Entrar de novo na boate, ir a campo buscar dados por causa do TCC, enfim, tudo isso ajuda, e estar nesse evento também ajuda.

Mediador: B., tu achas que a tragédia da Kiss pode transformar a tua trajetória de vida, de alguma forma?

B: Acho que sim. Eu sempre digo que a Kiss foi um divisor de águas para mim. Eu era outra pessoa antes, e comecei a prestar atenção em alguns detalhes do dia a dia e dar valor para a família, para um bom dia para a mãe, ou para o pai. A minha percepção das coisas mudou bastante. Talvez eu tenha ganhado empatia e compreendido mais a importância de se doar ao próximo.

Mediador: A., hoje a gente tem a noção clara de tudo o que foi o Holocausto, mas como foi para um jovem vivenciar tudo aquilo sem ter ideia de quanto tempo levaria, sem saber o que acontecia ao redor, no mundo todo, e que fim teria aquela trajetória? Como é para um jovem pensar na vida nessas circunstâncias?

A: Difícil a tua pergunta, mas acho que, basicamente, eu sempre tive o meu desejo de sobreviver a isso e viver como gente. Eu tinha perdido tanto meu pai quanto minha mãe, e estava há muitos anos sozinho, até reencontrar a minha irmã e o meu irmão em 1946. Eu tive a sensação de que "tenho que fazer alguma coisa com a minha vida...o que passei eu tenho que botar para trás"; e a gente tenta, qual é a palavra... ignorar o assunto, o que foi o passado, e tentar fazer uma vida no futuro.

Mediador: Em algum momento de dificuldades na tua vida chegou a te ocorrer algo do tipo "se eu sobrevivi ao Holocausto, eu posso enfrentar seja o que for"? O fato de ser um sobrevivente adquiriu algum significado conscientemente?

meus amigos e no que eu talvez não pude fazer por eles, foi levar o tema Kiss para o meu TCC. É um desafio, porque vem o mapa mental do evento, mas aí recebi a ajuda do mentor, da minha família,

A: Eu acho que, na maior parte, queria esquecer isso que aconteceu. Eu não falei sobre isso nem com minha esposa, nem com meus filhos e muito menos com meus netos. Era enterrado esse assunto. E me fez mal não falar. Um dos meus filhos esteve na Polônia, ele foi a Auschwitz, e nós nunca falamos sobre isso. Nem com meus netos que foram para lá, apesar de que hoje eles sabem a minha história.

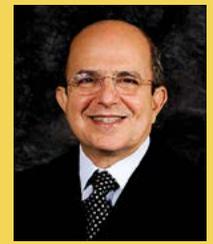
Mediador: D., o Doutorzinho tenta trazer alegria em momentos extremamente tristes. Não ocorre de as pessoas ficarem desagradadas ou ofendidas? Até que ponto, pela tua experiência, nós devemos tentar levar algo de alegria para um momento de muita tristeza?

D: Eu vejo que muitas vezes, num primeiro momento, aparece uma espécie de trava. Mas a nossa presença dentro do ambiente triste é uma alternativa. A gente sempre pergunta se querem a nossa presença ou não. Cantamos com os pacientes, às vezes eles cantam junto, às vezes eles choram. Mas eu acho que até o choro pode ser bom, que botar para fora pode ser positivo. São poucos minutos que se fica em cada quarto, mas acho que esses momentos lúdicos são muito importantes. Não é muita coisa que a gente faz, mas são pequenos momentos de descontração; às vezes, até, acho que o fato de a gente entrar e o paciente não querer a nossa presença é um momento de ele poder dizer um não, né, porque às vezes ele não tem outras horas para dizer um não.

Mediador: C., ser da área médica ajuda? Atrapalha? Eu queria que tu nos disseses o quanto tu achas que essa tua história vai te ajudar na tua carreira, te proporcionar mais empatia, ou achas que não?

C: É até engraçado, eu acho que a minha resiliência é diametralmente oposta à tua (dirigindo-se a B.), porque não vejo nem um pouco isso definindo ou mudando o meu jeito de pensar. Para mim, foi um obstáculo a ser superado, sempre me esforcei para não deixar que isso me afetasse de maneira nenhuma. A forma que achei para lidar com isso foi ser sempre muito maior do que um diagnóstico, muito maior do que um rótulo, não me deixar ser vencido por isso. Não sei se é a resposta que tu querias ouvir (risos).

Mediador: Acho que o bacana é exatamente isso: não existe uma fórmula...



Ruggero Levy
Psicanalista da SPPA

Entre o drama de sentir a morte e a luta por voltar à vida

O que um sobrevivente de campos de concentração, outro da tragédia da boate Kiss, um jovem com diagnóstico de câncer e uma recreacionista que trabalha com crianças com doenças graves têm a nos ensinar sobre a morte e a vida? Pois assistir aos depoimentos de sobreviventes de grandes tragédias e ameaças à vida, em atividade realizada pelo Dr. Leandro Zimmerman no HCPA, estimula a nossa reflexão em relação à morte, à vida, ao traumático, à elaboração e à capacidade de resiliência de cada um de nós.

Evidentemente, cada um reage a seu modo frente a grandes ameaças à vida. O sobrevivente do holocausto, o Sr. A, testemunho vivo de uma das maiores tragédias da humanidade, atesta que desde dentro dos campos teve o impulso de fazer de tudo para sobreviver. O tema é este: como sobreviver, ou voltar a viver depois de conviver tão de perto com a morte? O Sr. A assume sua estratégia para voltar a viver: esquecer, enterrar, não falar sobre sua experiência no campo de extermínio, e decide que precisa relacionar-se com os outros para passar a gostar da vida novamente. Lembrou-me o depoimento de Jorge Semprum, importante escritor espanhol, também sobrevivente de campos de extermínio. Diz ele que, logo depois da guerra, não conseguia escrever sobre sua experiência nos campos. Escrever era reviver a morte, e sentiu que o levaria ao suicídio. Precisava silenciar para viver, tal qual o Sr. A. Semprum decide dedicar-se à militância política, pois ela representava um projeto de futuro, de amanhã e, logo, de vida. Depois de muitos anos, abandonou a política e pôde escrever porque se deu conta de que naquele momento já tinha uma relação serena com a memória do campo e da morte. Não a memória impregnada de dor e morte.

Já Primo Levi, outro escritor sobrevivente de campos de extermínio, percorreu o caminho contrário. Escreveu desde o início. Escrever, para ele, era voltar a viver. E talvez a sua forma de representar, colocar em palavras a experiência

traumática do Holocausto. Sabemos que o trauma ocorre pela impossibilidade de representar, simbolizar uma experiência emocional que transcende à nossa capacidade simbólica, seja pela sua intensidade, seja pelo seu significado aterrador. Assim, cada sujeito seguirá o seu caminho, o caminho possível para lidar com o impensável, o não simbolizado, num determinado momento. Haverá os que deixarão aquela experiência clivada pelo tempo necessário até terem condições de voltar a tomar contato com ela e representá-la, seja escrevendo, seja relatando-a, colocando-a em palavras. Como diz Anne Alvarez, precisarão esquecê-la, para poder lembrar. Outros deixarão esta experiência impensável, irrepresentável, clivada para sempre.

Pode-se pensar a afirmação de Alvarez de dois modos. "Esquecer" no sentido de ajudar o sujeito traumatizado a representar simbolicamente e poder, então, reprimir a experiência traumática, e só depois ter a possibilidades de recordá-la. Ou "esquecer" no sentido de dar a liberdade ao sujeito traumatizado de manter a experiência traumática silenciosa, clivada, até que possa lembrá-la já com a dor atenuada. Mas, acima de tudo, deve-se respeitar o traumatizado para que lide com aquela emoção perturbadora da forma possível, e não "retraumatizá-lo" forçando-o a falar, ou recordar, antes que ele possa.

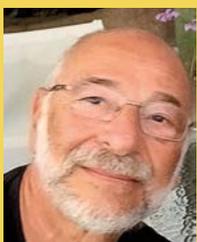
O fato é que a maioria dos que passam por experiências de contato intenso e próximo com a morte e que têm resiliência, ou seja, que não ficam mortos em vida, resignificam a vida. Dão-se conta da importância dos vínculos

...deve-se respeitar o traumatizado e não "retraumatizá-lo" forçando-o a recordar antes que possa.

libidinais, manifestações de Eros, e passam a valorizá-los de modo diferente, tal qual depoimento do rapaz sobrevivente da boate Kiss. Ou dão-se conta de sua responsabilidade para manterem-se vivos e para cuidarem de sua vida, como o jovem médico, diagnosticado com um câncer tão precocemente. É claro que há os que ficam marcados pela morte de tal maneira, tão impregnados por esta experiência impensável ao ser humano, que ficam mortos em vida, incapacitados de voltar a viver plenamente. Mas os resilientes parece que ficam mais desejosos e necessitados de viver a sua vida intensamente.

Parece-me que o compartilhar estas experiências, seja escrevendo-as, descrevendo-as, relatando-as a outros, depois que isso se torna possível pelo necessário distanciamento e arrefecimento da intensidade afetiva das mesmas, é fator fundamental para evitar a sua repetição. É claro que quem não as viveu não poderá sentir o seu horror. Mas poderá aproximar-se um pouco, o suficiente para tentar evitá-las, e por isso a importância de atividades como a que foi realizada no HCPA.

Há quem diga, por exemplo Amós Oz, que a memória do que foi o Holocausto e o nazismo está se exaurindo, depois de quase 80 anos de seu ocorrido, e por isso estariam recrudescendo movimentos ultranacionalistas, antisemitas, xenofóbicos. É preciso, mais do que nunca, lembrar e relembrar o que é o horror da guerra e dos extermínios.



Sidnei S. Schestatsky
Psicanalista da SPPA

Humor e resiliência

A preocupação com o conceito de resiliência entrou na literatura psicanalítica através do estudo de sobreviventes do Holocausto e de seus descendentes. Quase todos os autores mais significativos nesta área estiveram nesta condição, tendo sobrevivido a campos de concentração nazistas e, posteriormente, tentado responder a pelo menos uma pergunta básica, que até hoje causa perplexidade: por que algumas pessoas desmoronavam frente ao trauma maciço, enquanto outras emergiram com suas habilidades de viver uma vida normal preservadas?

Em quase todos os estudos sobre processos conducentes à resiliência, o humor é mencionado como um dos mecanismos adaptativos e restitutivos mais avançados e importantes. Isto aparece desde o registro do seu valor na estabilização de crianças atendidas durante a guerra da Bósnia, na década de 1990 (Berk, 1998), até, surpreendentemente, durante o dia a dia dos campos de concentração nazistas (Ostrower, 2014) durante a II Guerra Mundial.

Na Bósnia, as crianças que melhor se saíram quando expostas, entre outros descabros, à faxina étnica ocorrida foram aquelas capazes de rir diante de circunstâncias específicas, como uma forma de lidar com estresses emocionais intensos e de brincar sobre os perigos ao redor – o que lhes permitiu expressar, de forma catártica, seus próprios temores, sem exprimir diretamente, admitir abertamente, ou expor suas humilhações, pelos medos e ameaças permanentemente presentes (Berk, 1998).

Quanto aos campos de concentração, muitos estudos focaram nos aspectos patológicos das personalidades dos seus sobreviventes, mas poucos examinaram de perto as estratégias não patológicas de adaptação durante o Holocausto. Entre elas, destacava-se o papel único das risadas e do humor nos guetos, campos de trabalho e campos de extermínio nazistas. Neles, o humor estava presente em vários momentos do cotidiano catastrófico – em geral do tipo humor negro ou autodirigido. Segundo o comentário de um dos 55 sobreviventes entrevistados, em uma pesquisa de Chaya Ostrower (2014) – um adolescente durante o Holocausto, mas com 60 anos na época da entrevista –, o humor servia “para manter a mente alerta, provia um olhar mais sóbrio sobre as coisas, permitia certo desprezo frente ao cons-

tante terror – e era uma forma de aliviá-lo. As brincadeiras nos asseguravam que ainda éramos humanos e não os objetos desnaturalizados, como robôs, que os nazistas insistiam em nos transformar” (Ostrower, 2014).

Para Freud (1905/1960), o humor “seria um talento raro e precioso, superior a todos os mecanismos de defesa”. Acreditava que sua essência era de poupar as pessoas dos efeitos que as situações traumáticas causavam. Considerava o humor como um mecanismo de defesa que permitia às pessoas lidarem com situações difíceis, sem serem necessariamente inundadas e desorganizadas por emoções dolorosas. Como mecanismo de defesa, o humor se alinhava à sublimação e ao altruísmo, como os mais maduros processos adaptativos disponíveis às pessoas na evitação do sofrimento psíquico: um meio de encontrar um pouco de alegria apesar das circunstâncias tristes e penosas que a atacavam. “O humor negro ironiza tudo aquilo que nos assusta – morte, doença, guerras e muito mais... Frequentemente recorremos a este tipo de humor frente a situações que não conseguiríamos lidar, a não ser que tentemos diminuir a tensão e a ansiedade que as acompanham” (Ziv, 1984, citado por Ostrower, 2014).

Para os sobreviventes, naquelas condições de desesperança quanto à própria existência e à insegurança sobre o dia de amanhã, rir uns dos outros, e de si mesmos, aliviava sentimentos depressivos, acalmava a nostalgia sobre a ausência das famílias, expressava autodefesa, e encorajava e trazia a esperança de que a guerra algum dia iria terminar (Ostrower, 2014). Contrastando com a percepção comum, o humor nos campos era um componente contínuo da existência e desempenhava variadas e importantes funções interpessoais e sociais. Mas, ao mesmo tempo, Ostrower (2014) enfatiza, a

partir de suas entrevistas, que “o humor durante o Holocausto não diminuiu objetivamente os horrores que os sobreviventes enfrentaram – apenas diminuiu, muitas vezes, os sentimentos subjetivos diante destes horrores”: por exemplo, uma interna, diante da inanição que sofriam, sugeriu jocosamente que deviam roubar uma lente de aumento para “aumentar o tamanho das ralas rações disponíveis...”. Atualmente já é aceito que defesas maduras (humor, altruísmo, sublimação) estejam mais relacionadas com o funcionamento normal e adaptativo da personalidade do que com seus aspectos patológicos: na edição do DSM-IV, em que havia uma escala de mecanismos de defesa, o humor aparecia como o mais alto nível possível de adaptação.

Concluo este comentário sobre aspectos da resiliência citando achados epidemiológicos atuais: enquanto 40% da população esteja exposta aos mais diversos eventos traumáticos (em guerras ou na vida cotidiana), apenas 20% dela adoece de estresse pós-traumático – isto é, a prevalência do TEPT é de cerca de 8% nas populações estudadas. Isso significa que 92% das pessoas (entre expostas e não expostas) atravessam períodos breves e limitados de eventuais estresses agudos, e os assimilam e elaboram, em maior ou menor grau, com ou sem ajuda terapêutica. Isso nos leva a uma irrecusável conclusão: embora não saibamos exatamente o que contribui às diversas formas de resiliência, ser resiliente é normal – adoecer frente a traumas de variadas espécies é a exceção!

BERK JH (1998). Trauma and Resilience During War: A Look at the Children and Humanitarian Aid Workers of Bosnia. *Psychoanalytic Review*, 85(4):639-658.
OSTROWER C (2014). Humor as a Defense Mechanism in the Holocaust. Artigo baseado no livro *It kept us alive: Humor in the Holocaust*. Yad-Vashem, Jerusalem, 2014. Email: ochayo@macam.ac.il

Conversando sobre psicanálise e trauma à luz de Ferenczi

O psicanalista espanhol Luis Martín Cabré, autor de vários artigos e livros em inglês, francês, italiano e espanhol, conversou com a editora do Jornal da SPPA, Idete Zimerman Bizzi, sobre o seu mais recente livro *"Autenticidad y reciprocidad: Un diálogo con Ferenczi"*. Confira alguns trechos.

Idete Bizzi: Dr. Cabré, o que mais lhe encanta na psicanálise?

Luis Martín Cabré: Acho que seria a possibilidade de compartilhar a experiência com alguém que procura desesperadamente encontrar um sentido para a vida e para a possibilidade de continuar vivendo. E acompanhar uma pessoa nesse trânsito. É isso que acho apaixonante na psicanálise. Todo o resto me parece complementar.

Idete: Dentre tantas alternativas psicoterápicas existentes atualmente, como a psicanálise se destaca?

Dr. Cabré: Entre todas essas outras...? Suas perguntas são bastante difíceis. Isso me leva a pensar na mesma história que fez com que Ferenczi, junto com Freud, se propusesse a criar uma sociedade psicanalítica internacional em 1910. A situação era praticamente igual. Havia muitas práticas psicoterápicas, mas também a necessidade de preservar um método que mantivesse, pelo trabalho de uma série de seguidores que compartilhavam esse ideal, o rigor de um método que protegesse o trabalho com o paciente. Pense que, em 1910, ocorria um número de transgressões extraordinário, não apenas do enquadre mas também da ética. E, nessa empreitada, a psicanálise acabou se destacando em relação a outros tipos de técnicas e terapias existentes na época. Hoje a psicanálise está cercada, por um lado, pelas terapias *express*, farmacológicas, que oferecem uma cura imediata, com psicofármacos ou com técnicas



Idete Zimerman Bizzi e
Luis Martín Cabré

de todo tipo, como as sexuais. Por outro lado, está ameaçada por um biologicismo extremo, radical, que coloca que todos os sentimentos e afetos são situações decorrentes de reações bioquímicas ou de situações neuropsicológicas. Então, até as situações mais elementares, como a empatia ou a solidariedade humana, como o amor, como o afeto, são reduzidas a processos bioquímicos. A psicanálise sempre sobreviveu às situações mais audaciosas: nas guerras, nas perseguições, no Holocausto, nas ditaduras militares... A psicanálise não apenas sobreviveu, mas saiu reforçada. Acho que o importante é que o psicanalista saiba o que faz, saiba o que está fazendo. A técnica é outra coisa. Um compositor ou um pianista podem ter muitas técnicas, mas precisam ter muita clareza sobre qual sinfonia irão interpretar.

Idete: Qual a importância do trauma para a teoria e a prática da psicanálise contemporânea?

Dr. Cabré: Ferenczi nos permite pensar no trauma de uma forma totalmente inovadora,

A psicanálise sempre sobreviveu às situações mais audaciosas: nas guerras, nas perseguições, no Holocausto, nas ditaduras militares...

diversa de uma excitação excessiva incapaz de ser processada pela mente. Ele fala de duas coisas: os processos de identificação e a cisão do eu são dois argumentos essenciais para a psicanálise, os quais colocam que não existe apenas o recalçamento como mecanismo que explica todo o problema do inconsciente. Também existem outros mecanismos que permitem o acesso à patologia *borderline*, à patologia psicótica. Na minha opinião, ao unir o problema da identificação, o problema da cisão do eu e o problema da desmentida, Ferenczi gera de repente uma compreensão do traumático inédita até aquele momento. E que pode ser aplicada ao abuso sexual infantil, mas não só a ele. Também pode ser aplicada à relação analítica, ao abuso masculino em relação à mulher, ao abuso em política de um grupo político sobre outro, à questão da violência em geral. Ao terrorismo, ao fanatismo. Não é? Então, o conceito de trauma proposto por Ferenczi é de uma enorme modernidade. Podemos vê-lo todos os dias quando lemos o jornal. Há homens que matam seus filhos na frente da mulher para fazer mal a ela. Temos a questão do feminicídio. Existe a tortura. Existe o tráfico de prostitutas. Existe o comércio com os imigrantes, com os refugiados políticos. Existe uma violência econômica sobre as desfavorecidas. Ou seja, a ideia de confusão de línguas é uma questão que podemos ver em quase todos os setores.

Idete: O senhor considera que o desentendimento que ocorreu entre Freud e Ferenczi, no início da década de 30, foi um trauma para a comunidade psicanalítica?

Dr. Cabré: Com certeza. Ferenczi tinha sido o analista de muitíssimos analistas. E acho que não era tanto Freud, mas um grupo de analistas interessados em tirar Ferenczi de cena. Era mais uma questão de poder.

Idete: Seria correto dizer que Ferenczi, desde seus primeiros trabalhos, demonstrou um interesse especial pela influência do ambiente familiar e social na saúde e na doença das pessoas?

Dr. Cabré: Sim. Antes de "Psicanálise e pedagogia", há uma série de artigos pré-analíticos, e por exemplo um desses trabalhos é uma

alegação em defesa das mulheres homossexuais, que eram excluídas nas instituições psiquiátricas. Ele considerava um escândalo que uma mulher, por ser homossexual, tivesse de ser ingressada num hospital psiquiátrico. Mas era o que acontecia. Desde o início, ele demonstra também uma preocupação pelo social. Muito interessante. Ele dizia que o tipo de educação que imperava era uma produção de doenças e de problemas. O abuso pode-se dar no terreno sexual, no terreno político, no terreno econômico, no terreno formativo, familiar. Ele considerava que isso submetia, inoculava sentimentos de culpa e resultava devastador. Se a culpa for muito intensa, o passo seguinte é despedaçamento, a atomização ou a cisão, enfim, a automutilação psíquica, não é? É a única possibilidade que resta. Como fazem alguns animais, que para sobreviver mutilam uma parte do corpo.

Idete: Com que traumas e desmentidas o senhor acha que lidamos na sociedade contemporânea, e que contribuição a psicanálise pode oferecer para além dos consultórios privados?

Dr. Cabré: Uma psicanalista, muito amiga minha, chamada Martina Burdet, que é francesa mas mora em Madri, faz muitos anos publicou

... tudo o que tem a ver com o cibernético vai gerando uma espécie de anestesia dos sentimentos em favor de um culto ao narcisismo descontrolado.

um livro muito interessante intitulado "Amar en tiempos de internet". E o título termina assim: "¿Me amas o me follow?" Esse livro surgiu da escuta a pacientes que descrevem situações em que as relações amorosas se tornam virtuais. Não há contato físico. Não há carne. Não há tato. Não há visão de uma pessoa real. Há todo um esquema baseado em obter curtidas. Tudo isso vai gerando um desaparecimento, por exemplo, do erotismo no sentido de uma força de poder amar. Mas tudo o que tem a ver com o cibernético vai gerando uma espécie de anestesia dos sentimentos em favor de um culto ao narcisismo descontrolado. Isso já tem efeitos na psicopatologia, no mundo dos adolescentes. As automutilações, as cirurgias, a mudança de sexo sem nenhum tipo de argumentação sólida. Situações de violência, de risco. Tudo isso está nos consultórios. A prioridade do narcisismo acima de tudo também está gerando situações de conflito tremendas dentro das famílias e de uma enorme confusão. Situações de autolesão física e mental. Consumo de substâncias estupefacientes, drogas, a preocupação com a imagem corporal acima de qualquer outra coisa. Tudo isso está presente. Então, a psicanálise é uma alternativa que sempre terá vigência e continuará tendo sua voz, porque, diante de todo esse tipo de sintomatologia, a psicanálise oferece uma alternativa muito consistente, que é a escuta. A escuta de outro, que rompe essa espécie de circuito narcisista intocável.

Idete: O "sentir com", de Ferenczi.

Dr. Cabré: Exato. Há *Einführung*, sentir com alguém.

Idete: O senhor pensa que o "sentir com" é terapêutico por si mesmo?

Dr. Cabré: Com certeza. Isso acontece nas relações humanas, e na psicanálise ainda mais. Quais são os desafios que enfrentamos? Acho que a psicanálise é, ela própria, um desafio a todo esse mundo de internet, em que tudo é possível, de onipotência, em que as crianças, por exemplo, aprendem a ter o celular na mão, acham que podem conseguir tudo e já têm o que querem. Não precisam pensar mais. A psicanálise implica em funcionar mentalmente de outra maneira, em 45 minutos, dentro de um *setting*, com limites.



Fabiana Ritter
Membro Aspirante da SPPA

120 imagens por minuto de um sonho que não é meu

Pessoas felizes, casais apaixonados, mesa de jantar impecável, último livro daquele autor... A lista segue, e o sentimento é de que a vida dos outros é plena de situações interessantes e de sentimentos positivos. As informações chegam tão rapidamente, que não dá tempo de pensar se é assim que se quer viver também, ou se estamos simplesmente inundados pelos sonhos dos outros em cento e vinte imagens por minuto.

Esse número vem de uma brincadeira feita pelo ilustrador Lucas Levitan ao se referir à velocidade com que passamos os olhos nas fotos publicadas diariamente nas redes sociais: “se dedicarmos meio segundo por foto, em cinco minutos teremos visto seiscentas imagens”. De fato, dados deste ano mostram que o Instagram recebe perto de cem milhões de fotos e por volta de quatro bilhões de curtidas por dia. Pessoas esperam ansiosamente pela repercussão de seus *posts* e têm a sensação de que precisam destas evidências para validar sua existência. Recentemente, inclusive, o governo americano anunciou que irá solicitar a todos os candidatos a visto que forneçam *links* para suas redes sociais. Reforça-se o sentimento de que “publico, logo existo”.

Numa ocasião, ouvi um colega dizer que o celular era o nosso novo objeto transicional, pois nos acompanha aonde quer que vamos, nos conecta com as pessoas virtualmente, e lançamos mão dele quando nos sentimos sozinhos ou entediados. Entretanto, o uso excessivo dos smartphones e das redes sociais tem um efeito muito diferente daquele que Winnicott denominou de espaço potencial. O bombardeamento de imagens no Instagram ou Facebook e de informações ultracurtas (quase equivalentes a imagens) no Twitter parece aliás provocar um achatamento deste espaço.

No consultório, pais reclamam que os adolescentes não sabem mais estudar, pois ficam “grudados” no celular e não conseguem dormir sem ele. Adultos queixam-se de que pararam de ler livros e sentem que estão “emburrecendo”, pois recebem ideias prontas e só precisam optar por curtirem ou não. Solteiros, procurando candidatos nos aplicativos de relacionamento, passam o dedo na tela do celular para mudar a foto e assim escolher seu pretendente, como

se folheassem o catálogo de um objeto de consumo qualquer e imediatamente definissem: “esse sim, esse não”. Ou seja, há um estímulo ao julgamento, a um raciocínio binário. Mas a própria produção do pensamento, ligada ao que Winnicott denominou como essa terceira área da vida, parece ficar comprometida pelo excesso de conteúdo superficial que inunda esse espaço.

E a fantasia? E o sonho? E o brinquedo das crianças que já não inventam mais histórias de faz-de-conta, pois as consomem prontas no Youtube? O celular, usado desta maneira, definitivamente não é um objeto transicional, pois não contribui para o crescimento, não estimula o pensar, não ajuda na elaboração as experiências diárias. Desta forma, ele mais representa um consolo sufocante, uma droga de adição, uma mãe que invade com excesso de estímulo.

Pesquisas realizadas até agora, entretanto, mostram resultados contraditórios. Em 2017, uma série de problemas foram relacionados ao uso das redes sociais: preocupações com a imagem corporal, dificuldades em conciliar o sono, *cyber bullying*, ansiedade por medo de exclusão, entre outros. Mais recentemente, entretanto, um novo grande estudo feito na Inglaterra, e publicado em maio deste ano na PNAS, mostra que entre os adolescentes o uso das mídias sociais tem relação insignificante com a sensação de bem-estar. Nesse sentido, os pesquisadores sugerem que seja necessário identificar o perfil dos jovens mais suscetíveis e aprender mais sobre como as pessoas usam as redes sociais, não apenas o tempo que gastam nelas.

Na realidade, esses serviços são apenas ferramentas, assim como um martelo ou um pincel. O problema é que elas foram desenhadas para se tornarem aditivas, e muitas vezes fragmentam o tempo e reduzem a habilidade de concentração e análise. Portanto, seu uso vai depender muito



Lucas Levitan / photoinvasion.tumblr.com

do indivíduo, o qual pode determinar a duração, a qualidade do que ele irá acessar e a forma com que ele irá se relacionar com o conteúdo. Usadas de maneira produtiva, podem ser um espaço de trocas, de expressão e de criatividade.

Voltemos ao início e às brincadeiras de Lucas Levitan. Criador do projeto Photo invasion, Lucas insere desenhos seus em fotos publicadas no Instagram em busca de histórias por trás das imagens. Oferece a seus seguidores um jeito divertido e inteligente de lidar com o bombardeamento de informações. Seu trabalho nos convida a parar e pensar antes de passar para a próxima imagem. Assim, ele incentiva a imaginação e a elaboração das frustrações do dia a dia, da inveja das “vidas perfeitas” dos outros, da violência do mundo, dentre outros tantos temas. Exemplos como o de Lucas nos reaproximam de Winnicott.

Brandwatch.com

<https://www.youtube.com/watch?v=7uPOReO4n3Q>

<https://www.pnas.org/content/pnas/early/2019/04/30/1902058116.full.pdf>

Newport, Cal. Deep Work: Rules for Focused Success in a Distracted World. Grand Central Publishing. Edição do Kindle. photoinvasion.tumblr.com

SPPA dialogando com a sociedade

Mantendo o critério de ir ao encontro de várias fontes, não só da psicanálise mas de outras áreas do conhecimento, para nos instrumentalizar como psicanalistas e como sujeitos inseridos em uma cultura rica e rapidamente cambiante, iniciamos mais um ano. Na atividade de abertura do ano científico, assistimos à conferência “Lugares da ficção na subjetividade contemporânea” de José Miguel Wisnik, que fez um rico e profundo passeio sobre os atravessamentos do real e do imaginário na construção das formas discursivas que encontramos na atualidade. Um momento de grande interesse científico que abriu caminho para as atividades que se seguiram, das quais destaque duas. A primeira, o 3º Simpósio de Metapsicologia da SPPA, teve como tema “Corpo biológico e corpo erótico”. Nessa

atividade, o psicanalista francês Christophe Dejours, em conferências e discussões clínicas, discorreu sobre suas ideias originais sobre as formas de inscrição de vivências traumáticas primitivas que transbordam sobre o corpo. A seguir, no dia 6 de junho, participamos, em conjunto com a SBPdePA, de uma celebração mundial do nascimento de Sigmund Freud, no evento Freud24, organizado internacionalmente pela Free Association. Durante as 24 horas desse dia, em várias cidades ao redor do mundo foi lido algum artigo de Freud, com debates abertos ao público e transmitidos ao vivo pelo Facebook. Escolhemos para leitura o artigo “Por que a guerra?”, que Freud escreveu como resposta ao questionamento de Albert Einstein sobre as razões da destrutividade humana, quando às vésperas da II Guerra Mundial. O tema, ainda

que histórico, é atual, o que estimulou o debate com a comunidade presente.

Enfim, um destaque das atividades maiores, que são apenas uma parte daquilo que realizamos permanentemente em nossa Sociedade, tais como as discussões de trabalhos realizados por nossos colegas, ou debates que nos possibilitam o pensar psicanalítico e nos instrumentalizam para a prática em nossos consultórios.



Maria Cristina Garcia Vasconcellos (Diretora Científica), José Miguel Wisnik (convidado) e Zelig Libermann (Presidente da SPPA)

Revista de Psicanálise

Revista temática é a novidade de 2019

A partir deste ano, o Conselho Editorial realizou uma modificação no formato da Revista: todos os números passaram a ser temáticos. A mudança visou propiciar aos leitores a pesquisa bibliográfica de acordo com o interesse pelos assuntos, e por ter sido constatada, ao longo dos anos, uma marcada preferência pela aquisição de exemplares com temáticas definidas. Para prosseguir recebendo e publicando também artigos de temas aleatórios, optou-se por reservar espaço em cada um dos três números anuais para esse tipo de publicações.

Os primeiros dois números de 2019 versam sobre o tema *Verdade/Mentira*. A receptividade dos colegas na submissão de artigos sobre essa matéria foi tão expressiva que possibilitou a organização de dois números, publicados respectivamente em abril e agosto.

Em outubro de 2018, a Sociedade realizou um simpósio sobre Vulnerabilidade Social, com a apresentação de vários e interessantes trabalhos. A partir do mote desse simpósio, surgiu, entre os membros da SPPA que trabalham nas atividades de interface com a comunidade e o Conselho Editorial da Revista, o desejo de compor um

número especial *Psicanálise e Comunidade*, que constituirá então o número 3/2019.

O número relativo à *Neurose* – que estava anteriormente programado para dezembro – foi prorrogado para lançamento em abril de 2020. Os outros dois números de agosto e dezembro desse ano serão, respectivamente, *Winnicott* e *Ética e Psicanálise*.

Interessados no estudo desses e de outros temas relativos à psicanálise podem submeter suas contribuições para a Revista através do site da SPPA, na plataforma *Seer*, ou do e-mail revista@sppa.org.br.

Associação de Candidatos

Encontro Regional da ABC–Sul reúne entidades

No dia 13 de abril, a SPPA sediou o Encontro Regional da Associação Brasileira de Candidatos (ABC), organizado a partir da parceria das três sociedades: Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre, Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre e Sociedade Psicanalítica de Pelotas, com a mediação da ABC por meio de sua diretoria. O encontro teve como tema central “O candidato em ação: instituição, clínica e cultura”, sendo constituído por cinco mesas de discussão ao longo do dia. Participaram do evento cole-

gas das sociedades da Região Sul, bem como a presidente da ABC, Cecília Cruvinel, a primeira secretária, Renata Guimarães, e a segunda secretária, Márcia Padilla. Ainda, estiveram presentes Cláudia Antonelli, editora da IPSO, e Renata Manica, representante da OCAL no evento.

A atividade iniciou com uma fala afetiva das diretoras dos institutos Maria Lucrécia Zavaschi (SPPA) e Ane Marlise Port Rodrigues (SBPdePA), dando boas-vindas aos participantes, valorizando o papel dos candidatos e seu envolvimento com o quarto eixo. Em seguida, as respectivas representantes

da IPSO, OCAL e ABC apresentaram as filiações, destacando suas características. As mesas subsequentes contemplaram temas como atuação do candidato na clínica, seu envolvimento com quarto eixo até sua inserção na cultura.

Diante de valiosas contribuições e trocas teóricas entre os candidatos, certamente a experiência emocional afetiva e integradora não ficou diminuída. Em um clima de intimidade, interesse e acolhimento, vivemos este encontro. E, assim, seguimos construindo a nossa psicanálise. Que venha o próximo Regional.

O mundo que nos transforma – uma charla com Marcelo Viñar

A Diretoria de Infância e Adolescência (DIA) realizou suas atividades mensais contando com a apresentação de material clínico da área, abordando temas como a terapia psicanalítica de casais e família, apresentados por membros da SPPA.

De 11 a 13 de abril, o psicanalista Marcelo Viñar (membro didata da Associação Psicanalítica do Uruguai) discorreu sobre “Como nos cambia un mundo que cambia”, mostrando alguns desafios que se apresentam na/para a psicanálise, um pensamento, segundo ele, sempre em trânsito. A incerteza, os relacionamentos amorosos e o trabalho, a tênue barreira entre o público e o privado, o mundo online foram alguns dos temas trazidos por Viñar, sempre numa perspectiva de diálogo interdisciplinar. Ele falou para diferentes públicos nos três dias: para não sócios, deu entrevista para revista, fez supervisão coletiva e conversou com os profissionais dedicados aos projetos em parceria com a SMED e o Pescar.

Ao lançar o olhar e a escuta psicanalítica para os dilemas e desafios do século XXI, Viñar sugere alguns giros que a psicanálise tem realizado, no sentido de conceber o seu próprio campo teórico-clínico. No passado recente, paradigmas da modernidade e as noções de determinismo racionalista obrigavam a metapsicologias estáveis e sistemas congruentes entre si. Hoje, as noções de caos conduzem a uma exigência de explicações muito mais provisórias e limitadas, ao mesmo tempo em que podem acolher diversidades teóricas, cujos modelos de saber são mais plurais.

Segundo Viñar, o desafio contemporâneo da psicanálise, bem como das ciências humanas em geral, é o de não se enclausurar nos limites do método e do objeto que definem seu paradigma, ainda que preservando a especificidade de seu campo, na construção de seu arcabouço teórico-clínico. Na segunda noite, Viñar

lançou seu livro “Experiencias psicoanalíticas en la actualidad sociocultural”, com sessão de autógrafos.

Outra visita que trouxe importante contribuição, especialmente no contexto da primeira infância, foi a da assistente social Sylvia Nabinger. Em seu diálogo com os presentes, discorreu sobre a importância de investir na primeira infância, pois este esforço vai no sentido de promover oportunidades, e não somente na direção do enfrentamento de problemas. Destaca que a confiança de uma criança em suas próprias capacidades terá importante repercussão em sua maneira de atuar.



Rui de Mesquita Annes (Diretor da Infância e Adolescência), Marcelo Viñar (convidado) e Zelig Libermann (Presidente)

Relações com a Comunidade

SPPA promoveu intercâmbio entre a psicanálise e a cultura

No decorrer do primeiro semestre de 2019, a SPPA esteve presente em várias atividades culturais de Porto Alegre, mantendo um rico intercâmbio entre a psicanálise e a cultura. A atividade de abertura do ano científico contou com um grande público para assistir à palestra “Lugares de Ficção na Subjetividade Contemporânea”, proferida pelo professor José Miguel Wisnik, livre docente em literatura brasileira pela USP.

O Café Literário da Psicanalítica está com nova parceria desde junho, uma atividade já consagrada na agenda cultural de Porto Alegre, que passa a acontecer em um ambiente universitário: o 18 Café no Espaço Unisinos (Av. Nilo Peçanha). Iniciamos discutindo a obra poética de Florbela Espanca, a mais importante figura feminina da literatura portuguesa. A SPPA esteve presente no debate da peça “TOC-Uma comédia obsessiva compulsiva”, que oportunizou uma frutífera conversa com o público e com o diretor. No Programa Portas Abertas, 70 estudantes de

psicologia conheceram a sede da SPPA, assistiram a vídeos sobre o Método Psicanalítico, e conversaram com profissionais sobre as atividades científicas e culturais da Sociedade. O Ciclo de Estudos, espaço para estudantes e profissionais de medicina e psicologia, centrou-se predominantemente na obra de Freud. Na parceria com o Instituto Ling, debateram-se, neste semestre, as ideias e as obras de Shakespeare e Freud.

O Projeto SPPA/SMED trabalhou com dois grupos de Rodas de Conversa, que estão fazendo parte de uma pesquisa sobre o impacto deste trabalho sobre educadores, assessores e psicanalistas. A parceria SPPA/PESCAR está trabalhando mensalmente com um grande número de edu-



Café Literário da Psicanalítica, em novo espaço, discutiu a obra de Florbela Espanca, importante figura feminina da literatura portuguesa

cadores sociais de Porto Alegre e de vários municípios do interior do Estado, vinculados ao Projeto Pescar, para escutá-los e, assim, auxiliá-los nas atividades com jovens que vivem em situação de vulnerabilidade social. Semestre intenso, que reuniu diferentes públicos em torno de atividades em que a psicanálise pode fazer a diferença na vida da sociedade.